



fábulas e contos para livros sonhos

galciani neves

fábulas e contos para livros sonhos

ana miguel

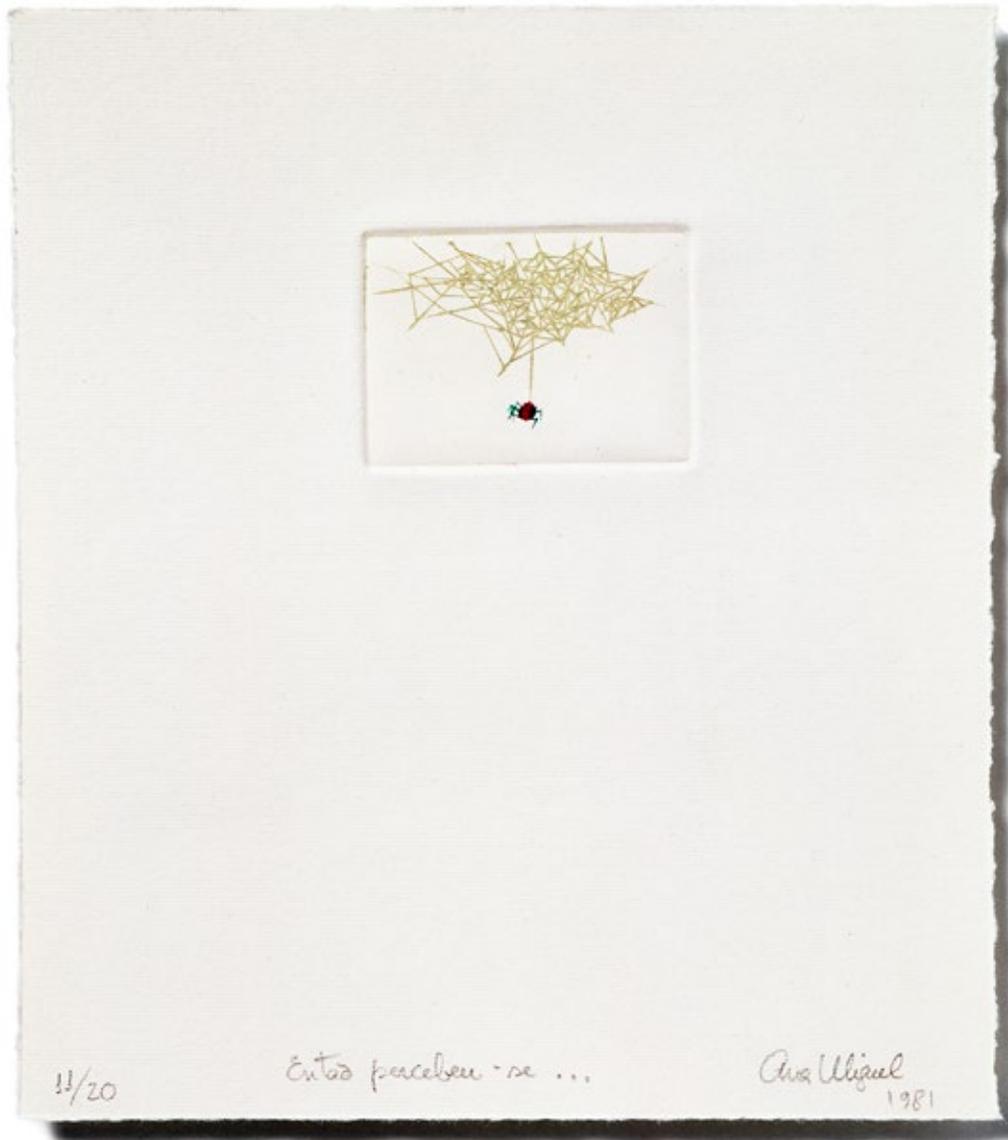
Fábulas e contos para livros sonhos

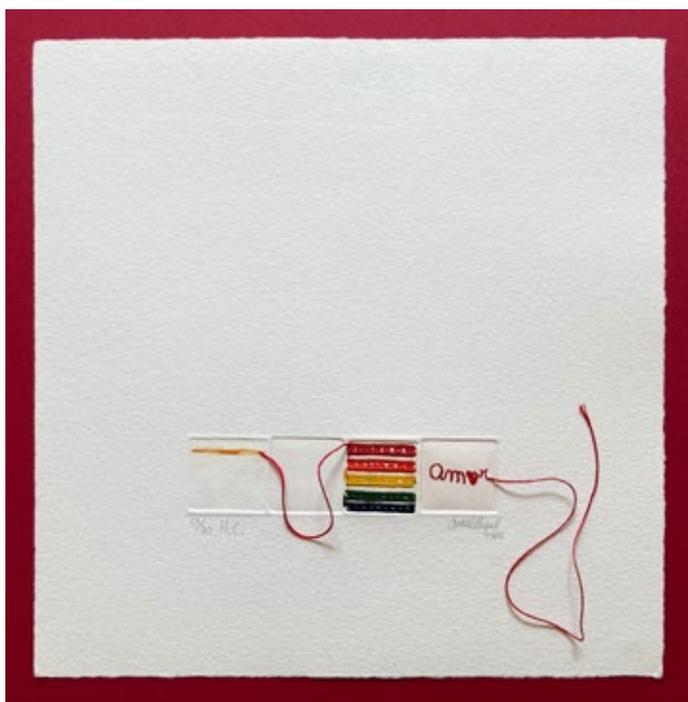
Quase silenciosamente, a superfície plana é convertida em sulcos e relevos. E quando se torna impossível não narrar e não contar, as letras se entranham por entre as pequenas prováveis imagens. É vez de formar fendas, dobras e caminhos para páginas. Os disfarces se constroem em outras linguagens de “olhar-leitura”. E aí, se tem livro ou possibilidades de histórias soltas e fragmentadas em outras dimensões.

Fascinada pela técnica da gravura e pelo seu trajeto ligada ao livro, Ana Miguel lançou-se nesse território à procura de imagens e textos: *“Eu vi que a gravura reunia em seu procedimento duas coisas que já faziam parte de mim: arte e literatura. A própria maneira de trabalhar com a gravura trazia a história do livro antigo e a possibilidade de produzir imagens. A gravura reúne intrinsecamente a narrativa do livro e o poder de revelar imagens”*.

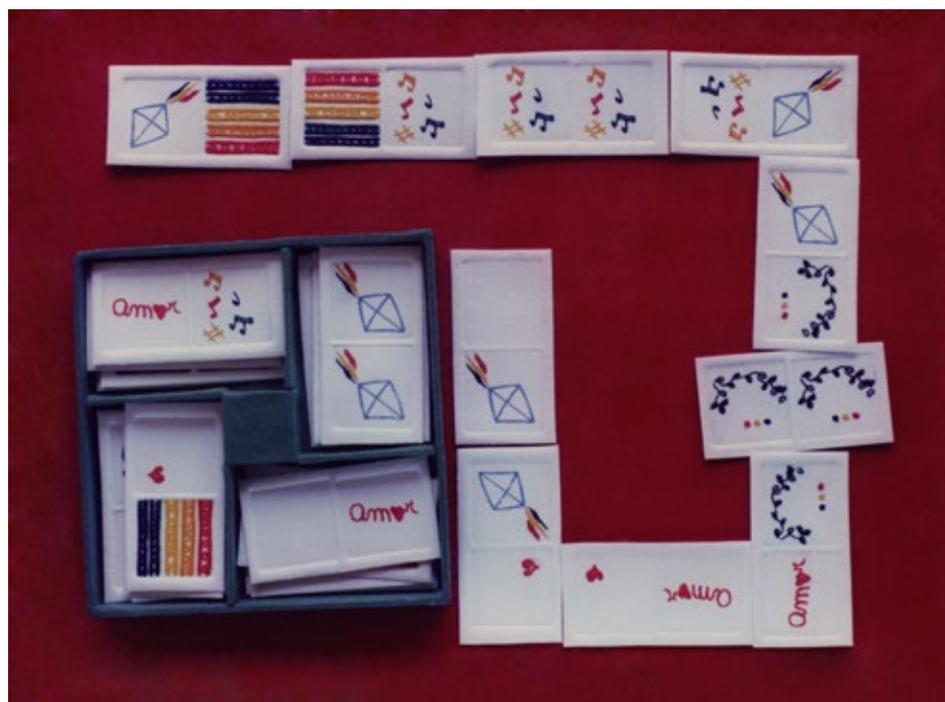
Na década de 1970, Ana Miguel foi estudar gravura: participou da Oficina de Gravura do Ingá; estudou gravura e pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entre 1981 e 1982, Ana Miguel teve aulas de História da Arte com Alair Gomes, e seguiu cursos de Antropologia e Filosofia Contemporânea, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade de Brasília.

“Experimentando as diferentes técnicas de gravura para produção de imagens, eu escrevia textos no próprio papel da gravura. Aos poucos, eu fui organizando sanfonas, dobraduras. Para mim, já estava claro que o meu interesse na gravura era a possibilidade de trazer imagem e palavra no mesmo ambiente”, explica Ana Miguel. Com o tempo, a artista foi incrementando os seus procedimentos de gravar e escrever textos, adicionando e entrelaçando outros elementos como pérolas, tecidos, linhas, resinas, espumas, fibras sintéticas e formando dobraduras nas gravuras. As gravuras foram se tornando mais tridimensionais e alcançando ocupações volumétricas.

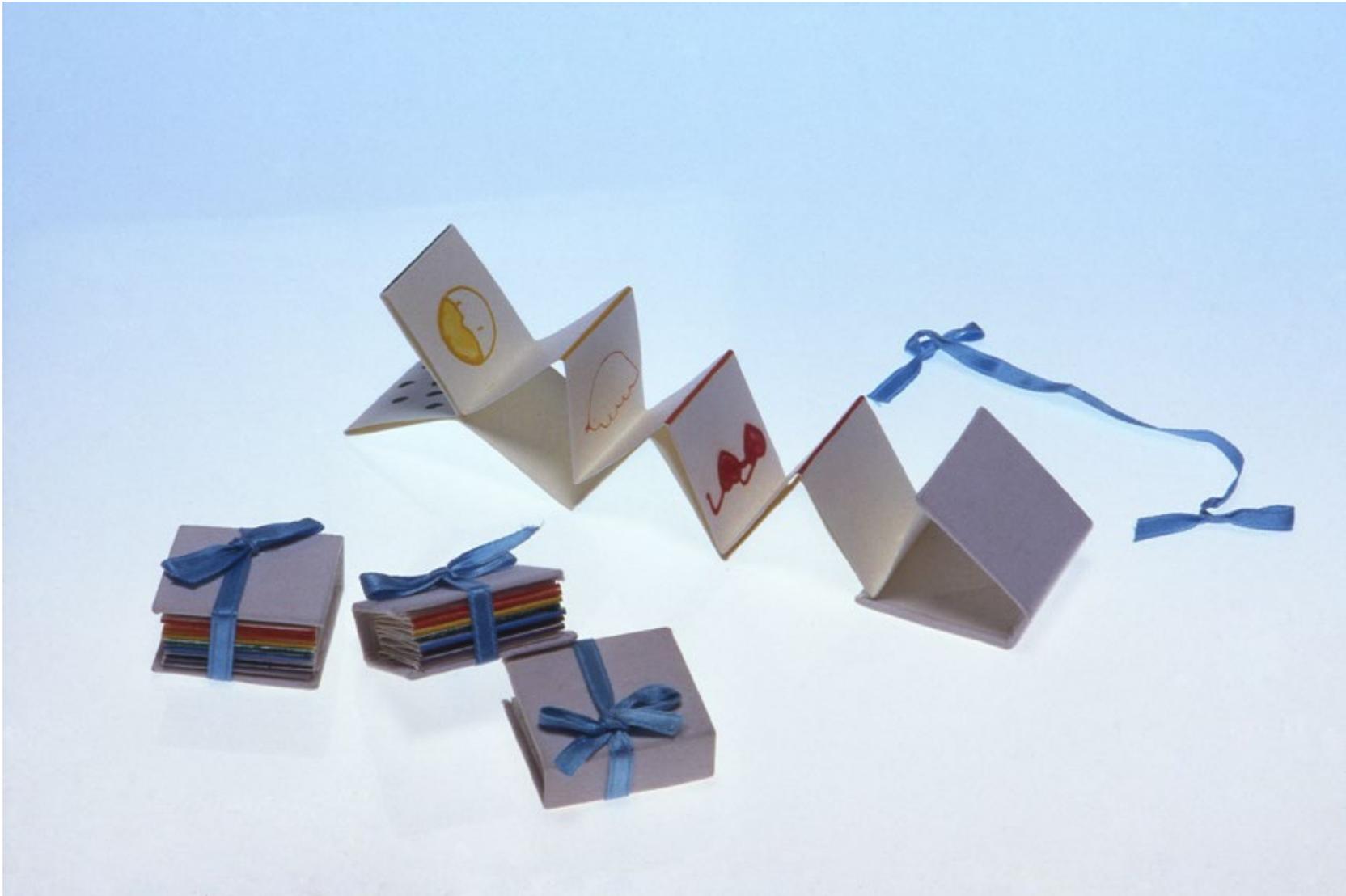




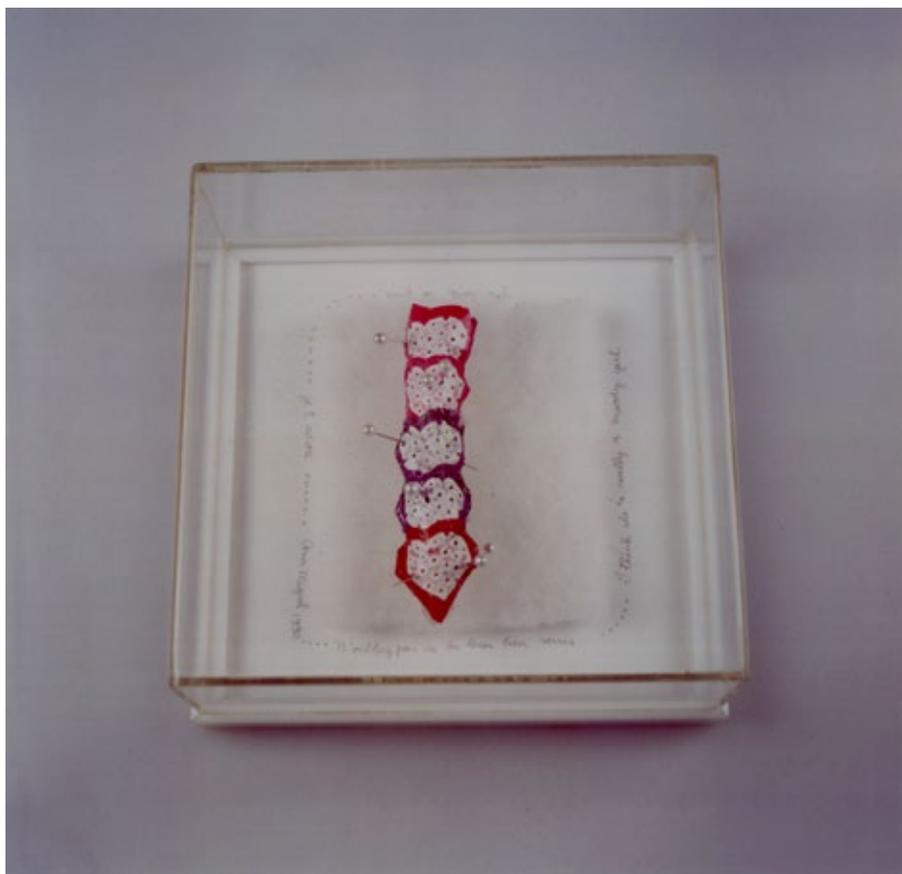
com mãos de fada II, 1984
gravura em metal, fio de algodão
20 x 20 cm
with fairy hands II, 1984
engraving



o que faço com as pedras? não sei, mas é a sua vez... 1984
28 pequenas gravuras compondo um jogo de dominó
2,5 x 5 cm cada.
what do I do with the tiles? I don't know, but it's your turn... 1984
28 small prints composing a domino game



da água-forte ao relevo, um estudo em sete tons, 1982.
gravura em metal, dobrada e encadernada em tecido de algodão.
fechada: 4,5 x 4,5 x 1,5 cm aberta: 60 x 4 cm
from etching to relief, a study in seven tones, 1982.
metal engraving, folded and bound in cotton fabric



je t'adore, 1990.
gravura em metal, costurada e montada com alfinetes em caixa de acrílico.
16 x 16 x 12 cm
je t'adore, 1990.
metal engraving, sewn and mounted with pins in an acrylic box

A mesma técnica que aproximou a artista das artes visuais é a que leva a escapar de seus procedimentos tradicionais. Ana Miguel associa os instrumentos e as práticas convencionais da gravura a materiais que tornam quase impossíveis a impressão múltipla de uma mesma matriz. Em “Je t’adore” (1990), a artista usa alfinetes, linha de costura e gravura em metal, para conformar uma espécie de “objeto-poema”, em uma caixa de acrílico.

Em outros momentos, de tão pequeno e frágil, o papel japonês que recebe a imagem quase não resiste à primeira prensa. Por sua eleição de certos materiais, Ana forma séries e edições quase únicas. Há também organizações seriadas, compostas seqüencialmente, que embora propostas pela artista, ficam abertas a outras organizações participativas, como nos frágeis “livrinhos-sanfonas”, de “da água-forte ao relevo” e no jogo de dominó em “o que faço com as pedras? não sei, mas é a sua vez...”.

Os esquemas de relações entre as “peças” de uma série são um traço recorrente da artista. Para ela, essas “coleções” são intimistas e ao mesmo tempo, partilháveis. Pode-se pensar que esse desejo de compartilhamento íntimo dessas pequenas imagens apresentam noções básicas comuns ao processo de leitura e manuseio do livro (códex).

Para Ana Miguel, a sua maneira de aproximação do livro de artista já se dá nesses momentos, com procedimentos literários para produção de imagens e de séries. E mesmo quando, suas séries ganham dimensões mais amplas, como nas instalações, o projeto livro de “intimidade”, de “leitura pessoal” e de seqüencialidade está incluso. *“Nem sempre eu faço livros, mas há sempre procedimentos de literatura nos meus trabalhos. Isso é muito presente. Eu realizo livros, eu uso e incluo livros através da sua materialidade e também usufruo as possibilidades de construção do livro para os meus processos de obras”,* explica a artista.

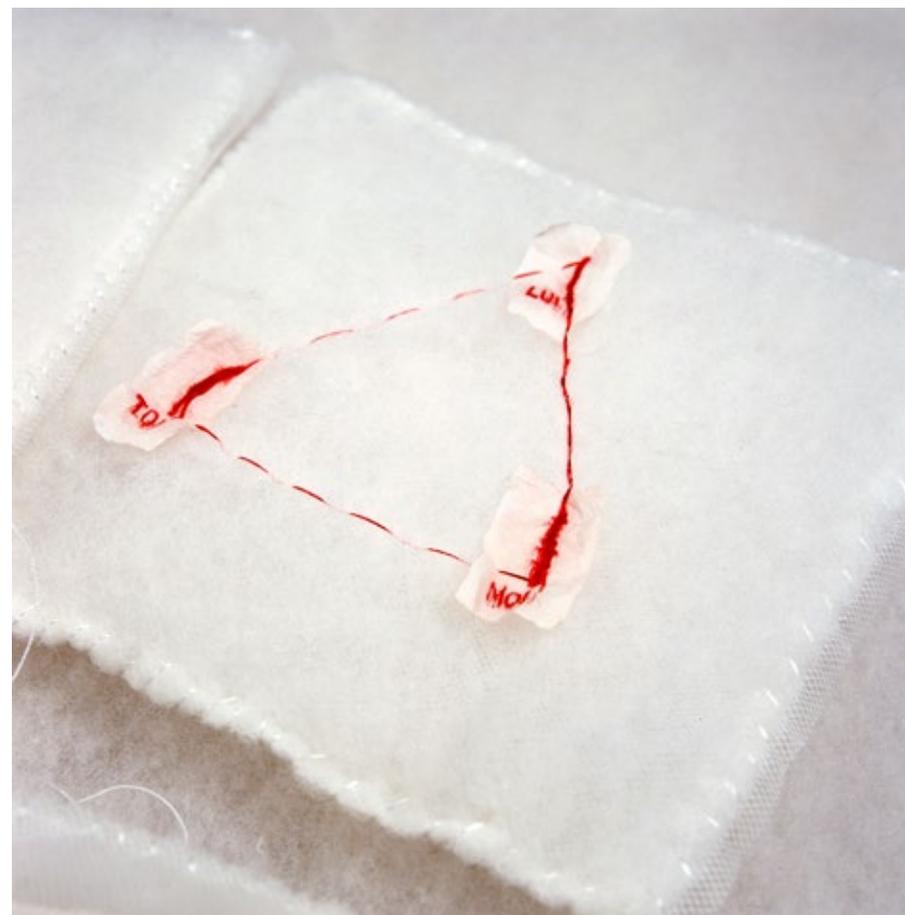


sem título, 1989
gravura em metal, fio de algodão
60 x 20 cm
untitled, 1989
engraving, cotton thread

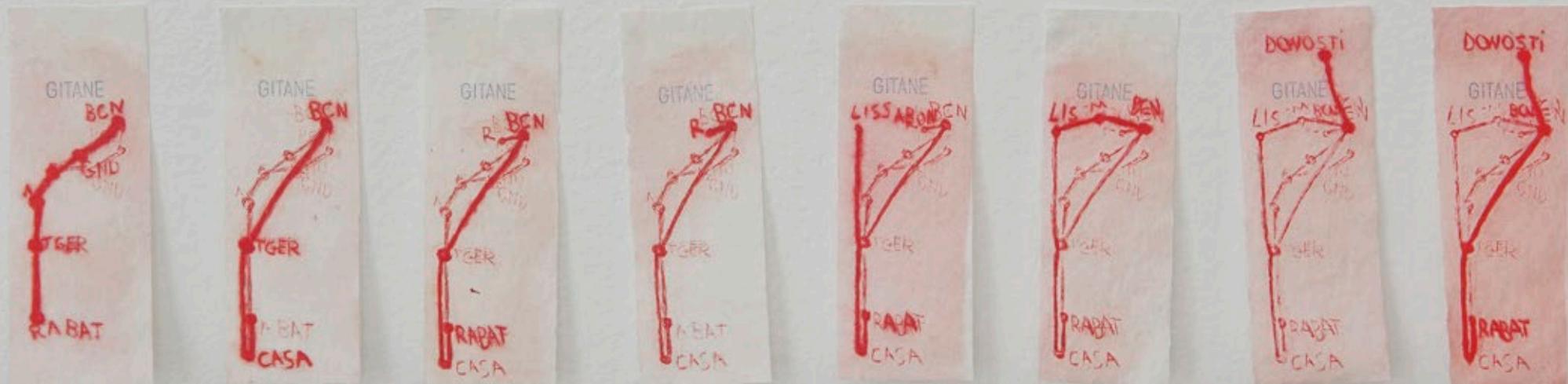


Na década de 1990, Ana Miguel fez algumas viagens pela Europa. Em cada cidade que conhecia, a artista fazia uma gravura em ponta seca na mesma chapa, imprimia uma única cópia e ao chegar em outro destino, apagava a chapa e voltava a gravar. “Circulación” são nove livros de viagem inter-relacionados através de linhas que fazem parte da narrativa de cada livro e que perpassam por todos os volumes, *“numa tentativa de fazer mesmo o conteúdo do livro circular e se interligar em outras situações. Eu queria botar o livro para fora. Circulación tem a circulação no espaço, a circulação orgânica e a circulação das intensidades de relações entre as pessoas”*, explica Ana Miguel.

Os livros de “Circulación” são “livros-esculturas” maleáveis, feitos de acrílico e apresentam as gravuras como roteiros de viagem. Os livros podem ser manipulados com luvas de látex e para lê-los e compreendê-los, é necessário tocá-los, sentir a maciez e quem sabe surpreender-se com as “imagens-cicatriz” inscritas e misturadas aos textos, num ambiente livro bucólico e de fragilidade. *“Os materiais não são inocentes. Eu busquei a cor por veladura em superfícies macias e evocativas, carregadas de muita memória e afeto. Os alfinetes desestabilizam a delicadeza, é preciso ter atenção para manipular os livros”*, segundo a artista.



circulación, livros, detalhes, 1994/1995
tecido, pequenas gravuras, bordado, alfinetes com pérolas, luvas de látex
circulación, books, details. 1994/1995
fabric, small engravings, embroidery, pearl pins, latex gloves



gitanes, 1994
8 gravuras, ponta seca sobre papel de cigarros gitane com roteiros de viagens
7 x 2,5 cada
gitanes, 1994
8 engravings, dry point on gitanes cigarettes paper with travel paths

Quando esteve em Praga, Ana Miguel visitou lugares freqüentados por um de seus escritores favoritos - Franz Kafka. Por acaso, a artista entrou em uma livraria e se deparou com muitos livros do autor traduzidos para o tcheco. A artista comprou um dos livros expostos nas prateleiras e um dicionário de tcheco para o francês, escolhido por ser portátil.

Ao tentar ler a obra de Kafka, tentando traduzir para o francês, Ana Miguel descobriu que o livro se tratava de um diário de viagens de Kafka e que o dicionário que também escolhera ao acaso era um dicionário de viagens. *“Para mim, além de uma coincidência incrível, é uma história bonita: a minha viagem, as viagens do Kafka e um dicionário de viagens. Fiz uma rede de comunicação entre o livro e o dicionário”*, conta Ana Miguel.

“Escolhi sete palavras recorrentes no texto: voyage e cesta; la maison e doma; gare e nadrazy; souvenir e vzpominka; regard e pohled; voir e videt; silencieusement e potichu. Anotei todas as suas aparições no livro. Encomendei bordados dessas palavras, em tcheco e em francês. Em cada ocorrência e repetição das palavras no diário de viagem, costurei um fio de linha vermelha, que conduz a palavra bordada em francês até a página em tcheco do dicionário, onde havia encontrado sua tradução. Paralelamente, costurei as palavrinhas bordadas em tcheco em novelinhos de linha vermelha, que amarrei a uma maletinha com tamanho suficiente para transportar um livro. Esses novelinhos podem ser desfeitos e espalhar fios de palavras pelo chão”, explica Ana Miguel.

Para a artista, o livro de artista “J’aime Kafka” é uma tentativa de materialização da literatura através do desenho das linhas e de um procedimento mais aleatório que o da literatura tradicional. *“A obra é um traçado do meu percurso numa língua incompreensível”*, explica a artista. Os processos de leitura e de produção dessa “literatura materializada” se confundem na criação de “J’aime Kafka”. Neste sentido, Ana Miguel elaborou uma teia entre o livro de Kafka, o dicionário e a sua leitura. Como em suas coleções de gravuras, a artista elabora um emaranhado de relações entre elementos, a partir de sua visão e leitura.



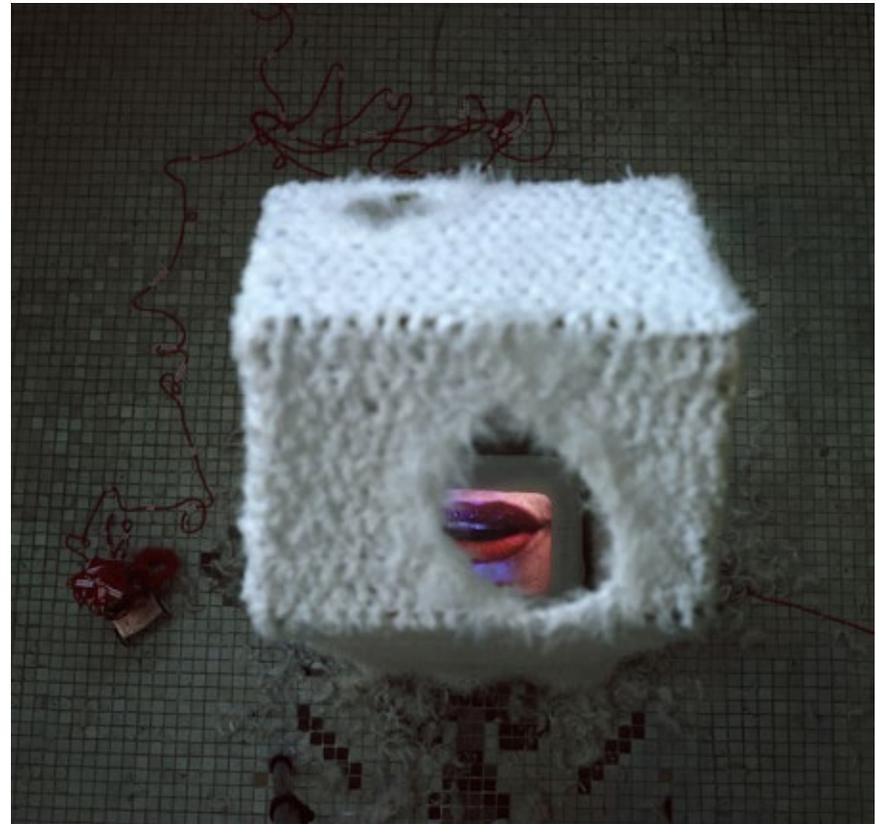


A construção dessas redes é um recurso também utilizado em “Ela”. Labirintos de palavras e de relações exteriorizam fragmentos do texto “pas moi” de Samuel Beckett. Essas pequenas frases e palavras alinhavadas teatralizam a experiência dos sentimentos e sensações de múltiplas leituras: a de Beckett em seu livro, a de Ana sobre o autor e uma outra proposta ao expectador.

Ana Miguel explora possibilidades de narrativa em campos diversos. A artista busca essas construções, por exemplo, em instantes de transição entre o “acordado” e o “sono”, com impressões de sonhos e com momentos travestidos de incerteza entre a realidade e o sonho. A artista constrói narrativas oníricas ou que proponham instantes oníricos de “leitura”.

Em “I love you” (2000), a artista instala uma cama com travesseiros “falantes”, sobrevoados por “braços” de aranha com dentes, que vibram ao toque. Os visitantes podem descansar neste ambiente, que mescla ternura e horror. Segundo ela, o livro e a literatura são seus arcabouços de referência, e mesmo criando uma “instalação”, as propostas de narrativa estão visivelmente presentes e convidam os visitantes para sair de um mundo real e escutar um pouco de sonho, de dor, de história.





ela, 2003
estrutura em metal, lã, penas e vídeo sobre texto de Samuel Beckett
alt. :110 cm
she, 2003
metallic structure, wool, feathers and video on text from Samuel Beckett



I LOVE YOU, 2000
tecido, lã, dentes, cera rosa, mecanismos variados
400 x 400 x 330 cm
I LOVE YOU, 2000
fabric, wool, teeth, pink wax, sound and mechanisms

Ana Miguel trabalha muito com alusões e estratégias atribuídas à literatura e se estende aos contos de fadas. *“As histórias de contos de fadas apresentam pontos de significação deslizáveis que podem se encaminhar em diversas direções: a personagem encantada que se transforma, a tarefa a ser cumprida, a transformação a ser realizada. E esse deslizamento de sentidos e de experiências me interessam no conto de fadas”*, explica a artista.

“Um livro para Rapunzel” é um “livro-torre”, quase inacessível, não fossem as palavras que fazem o “leitor-usuário” erguer o olhar até o alto da torre. Instalado no alto da parede, o livro é acompanhado de um áudio de Ana Miguel tecendo comentários e a sua leitura particular sobre a trama de Rapunzel. Na “versão caixa”, o livro contém dez gravuras em metal, encadernadas em papel mingeishi. *“Do livro sai uma fitinha com palavrinhas bordadas. Essas palavrinhas constam do meu texto no áudio”*, explica Ana Miguel.

A artista reatualiza o conto através de fragmentos de áudio, de suas gravuras e de resíduos do texto em palavras bordadas e propõe uma rede de leituras de narrativas a serem exploradas por quem as receba. Através de uma literatura mais aberta ao acaso, “fragmentária”, improvável, esboçada por uma leitura não-lógica, como Ana Miguel explica, o livro pretende deslocar outras memórias do conto e engendrar outras possibilidades de construção literária e de narrativas.





um livro para Rapunzel, 2004
papel, tecido, bordado, gravura, áudio
a book for Rapunzel, 2004
paper, fabric, embroidery, etching and sound



Em “livro=sonho”, Ana Miguel retoma as propostas para a narrativa onírica e a realiza através de suas redes de relações da literatura. A artista escolheu treze livros, dentre eles “La Prisonnière”, de Proust; “Je déballe ma bibliothèque”, de Walter Benjamin; “On n’y voit rien”, de Daniel Arasse; “Jungle Book”, de Kipling; “Compagnie des Loups”, de Angela Carter; “Enfant Sauvage”, de François Truffaut; “Délires et rêves dans la Gradiva de Jenssen”, de Sigmund Freud. Nestas obras, a artista buscou cenas que tivessem associações com os verbos de dormir, sonhar e ler e que tivessem acontecimentos ou transformações incomuns durante essas ações.

A partir desses trechos lidos e escolhidos, foram traçadas linhas de interconexões entre as obras através da repetição das palavras, fazendo um desenho por toda a instalação. É um espaço para “re-ler”, “re-lembrar” e “re-estabelecer” outras conexões entre as obras propostas pelas conexões já construídas pela artista.

livro=sonho na Galeria Anna Maria Niemeyer, no Rio de Janeiro, 2006
installation view at Anna Maria Niemeyer Gallery, Rio de Janeiro, 2006



livro=sonho, detalhes da instalação
livro=sonho, installation details





Em “Étang des enfants noyés”, trabalho ainda não finalizado, Ana Miguel está construindo uma narrativa através de uma série de objetos recolhidos. Há algum tempo, um amigo lhe presenteou com um livro comprado em um sebo. Dentro do livro, a artista encontrou, por acaso, um bilhete assinado por Silvia, que agradecia ao seu pai pela festa de casamento e por todos os presentes. Em uma viagem à Bruxelas, Ana Miguel visitou “O laguinho das crianças afogadas”, sobre o qual existe uma lenda que crianças haviam se afogado ali. A impressão da artista sobre este lugar, segundo ela, a aproximava do tom do bilhete de Silvia: “*belo e assustador*”.

“Eu fiz uma seqüência de fotos e tomadas de vídeo, achando que a Silvia poderia ter vivido nesse local. Além disso, juntei, por outros lugares um lenço, um vestido, uma foto de um homem com uma criança, que são objetos que eu aglomero como se fossem da Silvia. Todos esses materiais estão relacionados a uma história da Silvia”, explica Ana Miguel. Com estes procedimentos, Ana Miguel está desenvolvendo uma narrativa e um trilhar da personagem.

“Eu não escrevo capítulos de livros, mas eu produzo “capítulos” de trabalhos, seja numa seqüência de fotos, numa série de gravuras, ou em edições de vídeo, ou em uma instalação. As coisas vão se formando narrativamente. Nada deixa de ser livro. E tudo é desenvolvido de maneira orgânica, não-linear, em rede. As redes de palavras que eu formo entre os livros, em “livro=sonho”, descrevem muito bem o processo do meu trabalho”, explica Ana Miguel.

As expressões de sentimentos e as propostas para reflexão ou construção de desdobramentos de narrativas, a partir de uma poética em rede, como Ana Miguel prefere definir, são a tônica do trabalho da artista. São livros de artista convidativos a entrar em contato com uma outra experiência a partir do seu olhar, evocar memórias e constituir novas “experiências-narrativas”: são vertigens e leituras a serem compartilhadas.



L'étang des enfants noyés: Silvia.

I



L'étang des enfants noyés: Silvia.

II



L'étang des enfants noyés: Silvia.

III



L'étang des enfants noyés: Silvia.

IV



L'étang des enfants noyés : Sibria .

X



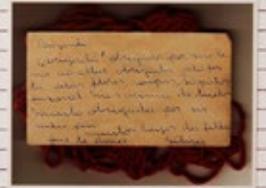
L'étang des enfants noyés : Sibria .

XI



L'étang des enfants noyés : Sibria .

XII



L'étang des enfants noyés : Sibria .

XIII

texto crítico/ critical essay:

Galciani Neves

Fábulas e contos para livros sonhos é um capítulo de "Tramas comunicacionais e procedimentos de criação: por uma gramática do livro de artista", sua dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1999.

fotografia/ photography:

Edgar Cesar: 3, 16

Filipe Berndt: 10

João Bosco: 5, 7

Lu Macieira: 4b, 8

Mario Galindo: 6

Miguel Angel Nalda: 9

Wilton Montenegro: 1, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 23, 24

www.anamiguel.com

edições gatinho

